



Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

*

Junho de 1986

*

Nº 6

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Junho de 1986

N.º 6

SUMÁRIO

Página

Subsídios Históricos — Coordenação e revisão Rosa Herkenhoff	162
Desastre Ferroviário	163
Marcos Konder Reis: A Intertextualidade Bíblica	164
Pomerode e sua Colonização	166
A Política no passado	167
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	168
“O Índio, Meu Vizinho” — Maria do Carmo R. K. Goulart	170
Figuras do Passado — Dr. Udo Deeke — por Frederico Kilian	175
Presidente do Cabo Verde remete foto autografada ao Prefeito Dalto dos Reis — Alfredo Wilhelm	176
Eng. Alfons Steiner	177
Aconteceu — Maio de 1986	179
Augustinho Schramm, uma figura inesquecível — José Gonçalves	181
O Menino Athos — Antônio R. Nascimento	184
BLUMENAU — Texto extraído do livro “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana” de PAUL SINGER	187

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 -- Atrasado Cr\$ 3.000,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 50.000,00 mais o porte Cr\$ 10.000,00 total Cr\$ 60.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Subsídios Históricos

Coordenação e revisão: **Rosa Herkenhoff**

Pequena Contribuição para a Crônica da Colônia Dona Francisca.

13. — **Carl Klingner**, único fiscal geral da Câmara Municipal, durante dezenas de anos. Entre a população rural tornou-se conhecido pela sua habilidade de extrair dentes. Levava sempre consigo, nas suas viagens, os instrumentos necessários, se bem que um tanto antiquados, cobrando por dente arrancado uma pataca (valia 320 réis) e, havendo dificuldade, 500 réis. Como fiscal, não gostava de multar e um belo dia, um mês depois de esgotado o prazo para a limpeza das valetas, Klingner apareceu montado em sua mula, chamou meu pai e lhe disse com voz serena: “Krisch, pegue depressa o seu zenzo (gadanha) e principie a limpar as valetas, senão preciso multá-lo”. Assim era a doce vida naquela época... Certa vez correu um boato, felizmente não confirmado. A história foi a seguinte: A mula do fiscal não queria comer, parecia doente. Klingner examinou os dentes do animal e, achando-os estragados, arrancou-os, esperando que aparecessem dentes novos, mas, como tal não aconteceu, a mula morreu de fome...

14. — **Francisco Antônio Vieira**, primeiro oficial do registro civil.

15. — **Fernando Lepper**, marceneiro e proprietário do primeiro engenho de beneficiar arroz. Pai do atual comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

16. — **Adriano Schoondermrk**, comissário de polícia de raras qualidades para o exercício de tais funções, devido a sua capacidade e energia. Quando a situação exigia, ele não vacilava em dar uma bofetada na cara do acusado, e como era o representante da Justiça, este sistema de resolver as questões, não diminuiu em nada a alta estima e a confiança que a população lhe dedicou durante o longo período de sua gestão.

17. — **Kuehne Irmãos** (Hermann Kuehne e Luis Kuehne), proprietários da extinta Cervejaria Kuehne. Entre 1865 e 1870 fabricaram a primeira cerveja em um rancho no início da estrada Dona Francisca, servindo como caldeira algumas latas de querosene. O primeiro produto azedou nas garrafas e quando estas foram destampadas, a primeira cerveja foi pelo rio Cachoeira abaixo.

18. — **Carlos Kumlehn**, proprietário de uma casa de pasto e hotel. Avô do farmacêutico Alfredo Kumlehn.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante de que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

19. — **Hermann Luis Wetzel**, fabricante de sabão em pequena escala. Avô dos atuais proprietários da importante fábrica G. Wetzel & Cia., fundada por seu filho mais velho, Germano Wetzel.

20. — **Francisco Machado da Luz**, agente do correio, sucessor de Carlos Lange.

21. — **Rudolf Zinneck**, agrimensor, sogro do falecido industrial Henrique Meyer.

22. — **Ulrich Ulrichsen**, negociante e procurador da Sociedade Colonizadora e, mais tarde, procurador da Câmara Municipal.

23. — **August Heeren**, engenheiro. Mais ou menos em 1869 foi encarregado de estudar o problema da construção de uma estrada de rodagem em direção a Blumenau e São Bento. Em seguida traçou a estrada do Sul até "Brüdertal". Nessa altura aceitou um convite de Laguna, para trabalhar na construção de um canal. Regressou de lá doente e faleceu em Joinville. O sucessor de August Heeren na construção da estrada de rodagem para São Bento foi Eduard Krisch que traçou e construiu a referida estrada até a divisa do município de São Bento.

24. — **Friedrich Timm**, pai de Germano Timm, já falecido e avô do gerente da agência do Banco Nacional de Comércio desta cidade, Alfredo Timm.

25. — **August Kalotschke**, proprietário de uma casa de diversões à rua Santa Catarina hoje Avenida Getúlio Vargas, propriedade adquirida mais tarde por Pedro Meyerle, cônsul da Áustria já falecido.

26. — **Carlos Molitor**, proprietário de uma casa de diversões à rua Santa Catarina, sogro do falecido tabelião Carlos F. John.

27. — **August Fissmer**, primeiro serralheiro que se instalou em Joinville. Sua propriedade, defronte à Casa Emilio Stock & Cia., ainda hoje pertence aos seus descendentes.

28. — **Guilherme Walther**, proprietário de um engenho de polvilho de araruta e goma, e descascadora de café, etc., movidos pelas águas de um riacho em sua propriedade. Pai de Guilherme Walther, ainda hoje residente no mesmo local.

Desastre Ferroviário

Blumenauer Zeitung — ano 31 n.º 43 — sábado, 26 de outubro de 1912.

Domingo à tarde descarrilhou o trem junto ao Morro do Ilse, os trilhos foram criminosamente desviados e o trem tombou. Estourou um cano de vapor e o maquinista Fabsch e o Joguista Habitzrenter sofreram graves queimaduras. Tão graves foram as queimaduras do foguista que 24 horas depois do acidente o mesmo veio a falecer no hospital. O maquinista está passando relativamente bem e as esperanças são que sobreviverá às queimaduras.

A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA

Na moderna poesia de Santa Catarina, um nome que se impõe com autoridade, quer pela quantidade, quer pela qualidade de sua produção, é o de Marcos Konder Reis. Sua criação poética, persistentemente cultivada ao longo de mais de quarenta anos, consubstancia-se hoje em mais de vinte volumes de poemas, que revelam uma consciência estética sempre em busca de renovar-se e de superar sua própria perfeição.

Entre as linhas temáticas mais insistentemente cultivadas por sua arte poética situam-se as seguintes: o deslumbramento lírico da alma humana ante o universo e suas maravilhas cosmopolitas, a elegíaca busca da infância perdida e nostalgicamente evocada, o culto ao amor em todas as suas formas capazes de virem ao encontro da insaciável sede humana de comunicação e complementação, a transparência de uma instigante tendência à espiritualização, a evocação reverente e sensível da terra, da paisagem, do mar e da gente catarinense. Entre esses temas fundamentais e outros menores, move-se a rica linguagem poética desse poeta-profeta que é Marcos Konder Reis.

Seu último livro — A CRUZ VAZIA NA ENCRUZILHADA (Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra, 1985) — representa mais

um estágio nessa vasta construção poética de uma vida dedicada à poesia. Talvez mais do que nos livros anteriores, corporifica-se neste uma intensa aspiração espiritualizante, expressa por constante intertextualidade bíblica. O poeta místico abebera-se da fonte bíblica, resgatando o Cristo dos evangelhos e envolvendo-o com as situações existenciais.

O livro compõe-se de duas grandes partes, cada qual constituída de um longo poema subdividido em seções. A primeira parte intitula-se “A encruzilhada” e vem perspectivada pela epígrafe do Gênesis, que apresenta Abraão, o grande vocacionado, aquele que correspondeu a um novo nascimento e tornou-se o pai de um grande povo. O título “encruzilhada” indica essa perplexidade ante várias escolhas possíveis, ante várias direções — ir para frente ou para trás, posicionar-se ante o passado e o futuro que se cruzam no presente. Especialmente o poema XIII esclarece a “encruzilhada” como exigência de ir aos outros, de levar fé, de repartir com os necessitados.

No conjunto de toda essa parte, o poeta se apresenta como um novo profeta, um novo João Batista, um novo Elias, ou então um novo místico João da Cruz, como que a reescrever os passos de

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

Cristo no evangelho, a pregar a boa nova dum mundo renovado na alegria. Claramente se definem cenas evangélicas como: a anunciação de Gabriel (primeiros poemas), a beleza do nascimento em Belém (poema VII), a fuga para o Egito (IX), o retorno e a vida oculta do Cristo/poeta (X), o deserto, a penitência e a necessidade do renascer de novo (XI), a vocação dos apóstolos e do poeta (XVII-XVIII), as bodas de Caná, recriando belamente o primeiro milagre, com o vinho do "porre de amor" total (XIX-XX) ou a cena da expulsão dos vendedores do templo (XXI).

Nesses poemas de estreitos laços evangélicos, o poeta ora se identifica com o destino do Cristo, ora se vê responsável pela cruz daquele. Qual novo profeta, pregando e vivendo o processo de renovar-se e de nascer de novo, o poeta está sempre a construir-se, consciente de que "não passo de um desejo", ou então, "sei que ainda não sou o que hei de ser" (p. 40), pelo que sempre de novo retorna a expressão "aquele que hei de ser..."

Na esteira de João Batista, de Elias, de João da Cruz ou do próprio Cristo, o poeta místico se purifica e se aperfeiçoa, numa ascese exigente, para amoldar-se ao divino. Daí ser visto como um louco pelos "homens racionais".

Estamos assim diante de uma poesia de quase permanente êxtase, de arrebatamento místico, de comunhão com a divindade. Mas ela enfoca o arrebatamento pelo amor e pela vocação sublime, ao mesmo tempo que o destino ambíguo do ser-no-mundo, a carnalidade e o mal a exigirem seu tributo. Os poemas dessa primeira

parte exprimem o anseio permanente pela liberdade, sobretudo por "amar em liberdade", e culmina com uma expressiva oração de alta mística, de reconhecimento do caminhante imperfeito, do peregrino ainda impuro, que sente a imperiosa necessidade de crescer no que é, para crescer no amor do Senhor (poema XXV).

Também a segunda parte — "A cruz vazia" — consiste num longo canto místico, desuocrado em faces múltiplas, envolvendo vivências, lugares e pessoas que partilham desse peregrinar que é a vida. Como na primeira parte, não há continuidade lógica nos poemas, sucedendo-se por vezes imagens desencaixadas, caóticas, com passado e presente, o ontem e o hoje fundidos, comprovando que o pensamento e o sentimento são extremamente ágeis e versáteis. A racionalidade já não é mais a única orientadora, pois quem ama beira os estágios da loucura e tudo para ele se envolve em acentuada surrealidade.

Esse segundo longo poema, subdividido em partes, afigura-se mais um contínuo canto elegíaco em torno do amor ido e morto. A força do amor foi tamanha que, uma vez desaparecido, transtorna-se toda a vida do amante e o envolve em ares de loucura que tudo desfigura em surrealidade. Resultam, assim, poemas profundos e complexos, extremamente pessoais e ao mesmo tempo universais, que cantam as faces do amor carnal-profano, sacro-místico. Por isso a multivocidade das imagens de caráter apocalíptico percorre essas páginas de intensa força emotiva. E projeta-se uma trágica e dramática luta entre opostos: o mundo deste e o do

Outro Lado, o bem e o mal, o mundo da imanência e o da transcendência, o do amor construtivo e o da destruição apocalíptica.

Enfim, A CRUZ VAZIA DA ENCRUZILHADA se projeta como o mais místico dos livros de poemas de Marcos Konder Reis. Repletos de constante intertextualidade bíblica, caminhando da ascese purificatória para a união mística, destinam-se esses poemas a serem lidos com calma e vagar, sem tendência a tudo ra-

cionalizar, mas como uma lenta reflexão, como meditação espiritual, pois na ascese da alma a purificar-se da contaminação e a elevar-se no místico caminho da identificação espiritual com o amado, a lógica racional pouco conta e o salto radical no escuro é indispensável. Nesse livro, a face espiritualista da poesia de Marcos Konder Reis atinge seu mais alto ponto místico, sem deixar de ser profundamente humana.

Lauro Jankes

POMERODE E SUA COLONIZAÇÃO

Der Urwaldsbote — ano 22 — n.º 43 terça-feira — 24 de novembro de 1914.

O Senhor Pastor Bürger, que atualmente se encontra atuando em Pomerode está na Alemanha e fez um discurso no dia 11 de outubro na Associação operária em Stralsund com o título Die Arbeit und das leben der pommerachen Kolonisten in Brasilien (O trabalho e a vida dos colonos pomeranos no Brasil). O orador fez uma explanação sobre as atividades dos colonos que chegaram na sua maioria nos anos 1866, 1871 para colonizar uma região de floresta virgem mas, frisou também que o trabalho dispendido com o plantio de batatas e milho. Doze a vinte crianças crescem em cada família e espalham ao seu redor novas colônias transmitindo a cultura alemã e a maneira de viver pomerana. O idioma usado em família ou mesmo em reuniões é o platt-deutsch (patoá-alemão), os costumes alemães trazidos da longínqua pátria estão enraizados e tenazmente defendidos por seus moradores. Senhor Pastor Bürger marcou para breve o seu regresso ao Brasil."

CORREÇÃO:

Na edição do mês passado (n.º 5) o texto "Basílio C. de Negreiros, um mito histórico?", de autoria de Rolf Odebrecht, sofreu um involuntário e ligeiro corte de palavras. No referido texto, à página 156, o parágrafo 2.º (O professor Finardi...) encerra-se assim: "... São eles: Erwin, naquela ocasião residente em Braço do Trombudo; Alwin, residente em Ribeirão Albertina, em Rio do Sul; Carlos, residente em Rio do Sul e Gustavo, residente em Ribeirão Pinheiro, no município de Taió. Gustavo Schroeder, 2.º filho de Heinrich e Anna, nata Bunde, trabalhou cerca de 25 anos na serraria de Oswaldo Odebrecht, em Ribeirão Pinheiro, Taió, como serrador, chefe e gerente da serraria."

A Política no passado

Comércio de Blumenau ano 2 n.º 76 — sexta-feira — 21/março/1919.

PERSEGUIÇÃO:

A "República" de Florianópolis, publica o seguinte telegrama: Joinville 17 — Faleceu hoje nesta cidade o ex-escrivão do Distrito de Hansa, Senhor Theodoro Schroeder, o mesmo a quem o Juiz de Direito da Comarca sr. Haraclito Ribeiro esteve processando com o fito de dar como deu aquele cartório a um seu protegido e de cujos autos s. s. mandou arrancar uma folha, fato esse virgem nos anais forenses deste Estado e susceptível de punição. Theodoro Schroeder acabrunhado por tamanha perseguição tentou se suicidar, falecendo agora em consequência.

—O—O—O—O—O—

Der Urwaldsbote — ano 22 — n.º 28 — sexta-feira, 2 de outubro de 1914.

PRESOS DE GUERRA:

Como nossos leitores devem estar lembrados, vários senhores residentes em Blumenau, partiram a bordo do Navio "Hollandia" para Amsterdam afim de cumprir suas obrigações no exército alemão. Chegou agora a notícia de que este navio caiu nas mãos dos ingleses e as pessoas prisioneiras. Recebemos a notícia de que entre estes prisioneiros está também o Sr. Niederpriem da Comissão da Construção da Ferrovia de Santa Catarina que foi enviado a Gibraltar. Outros prisioneiros foram enviados para Vigo na Espanha.

—O—O—O—O—O—

Der Urwaldsbote — ano 22 — n.º 38 — sexta-feira 6 de novembro de 1914.

PRISIONEIRO DE GUERRA:

No jornal berlinense "Berliner Tagelbat" de 30 de setembro lemos o seguinte: O Prefeito Wettstein da cidade de Mannheim, major do exército, foi ferido gravemente no campo de batalha e caiu prisioneiro dos franceses.

Muitos leitores lembram do Senhor Wettstein que passou alguns anos em Blumenau, primeiro a serviço da Colonização Hanseática e mais tarde fez os estudos primários para a construção da estrada de ferro.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

A FCC Edições (Florianópolis — 1986) acaba de publicar novo livro de Guido Wilmar Sassi, que recebeu o nome de "A bomba atômica de Deus". Trata-se de uma coletânea em que o conhecido escritor conferrâneo reuniu doze estórias, maiores e menores, de gêneros variados, incluindo até mesmo ficção científica. O que eles têm em comum e que acaba se revelando, de uma forma ou outra, é a tragédia, individual ou coletiva, o que dá ao livro algum sabor de amargura e tristeza.

Em todos esses contos está presente a reconhecida criatividade do autor, ainda que a linguagem guarde certo conservadorismo já ausente em trabalhos anteriores e até alguns lamentáveis lugares-comuns, influência inevitável de certas leituras que somos forçados a ingerir todos os dias.

O ambiente regional serrano está quase ausente. Não é o escritor dos causos e romances dos Campos Gerais que está por detrás destas histórias, urbanas quase sempre. Só com esforço e atenção se localiza um ou dois contos em nosso Planalto, e mesmo assim de forma vaga, entrevista na reação dos personagens, na paisagem física ou em poucas expressões locais. Não sei se nesses contos (excluídos, naturalmente, os citadinos e os de *science fiction*) o autor deliberou abandonar o regionalismo ou se o tempo está apagando nele as brasas do fogo de chão por ausência do vento reanimador que corre solto nos seus campos interiores.

Seja qual for a resposta, "A bomba atômica de Deus" é um desses livros que a gente lê por prazer e sente em cada frase o escritor lutando com a palavra.

O jornalista-escritor Moacir Pereira, mais conhecido do público pelas suas atividades televisivas, acaba de publicar um ensaio dos mais atuais e oportunos: "O poder da Constituinte" (Editora Lunardelli — Florianópolis — 1986). Apesar da verdadeira enxurrada de trabalhos publicados de uns tempos para cá sobre o tema, o autor logrou dar à sua obra uma abordagem diferente, tornando a leitura agradável e proveitosa. Sem pretensões professorais, foge também ao jargão jurídico, às vezes pedante e impenetrável para o leigo. Mostra, no decorrer da leitura, que domina o assunto tratado, sobre o qual muito leu em editou.

As posições assumidas são claras. Para ele, a Constituinte Con-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

gressual, tal como convocada, representa uma limitação ao desejo da Nação, sequiosa de uma Assembléia Nacional Constituinte soberana e exclusiva. Teme a vinda de uma nova Constituição elitista e que seja letra morta para o povo, seu autêntico senhor e destinatário.

Muitos de seus temores são fundados e sobre eles também já escrevi em outros locais. Não concordo, por exemplo, com a Comissão Constitucional designada pelo Governo para elaborar anteprojeto. Esse texto, creio eu, acabará prevalecendo, não apenas pelo receio de contrariar os "notáveis" que o prepararem, como pelas dificuldades técnicas que representam a apresentação de emendas, mermente quando de maior profundidade. E dessa forma a Constituição acabará sendo obra de grupo. A Constituição de 1946, pelo que me consta, foi a única que não teve anteprojeto e, no entanto, foi a mais democrática que tivemos, tão democrática que era praticamente destituída de instrumentos de auto-defesa.

Procurando mostrar que o país deseja e precisa de uma Constituição verdadeira, real e duradoura, o ensaísta analisa toda nossa história constitucional (já iniciada por um golpe de força de Pedro I), as características fundamentais de cada uma de nossas Cartas, a vivência constitucional mais recente, inclusive a desfiguração do substitutivo Bierrenhach, a participação popular nos movimentos pela redemocratização do país e inúmeros outros aspectos, dos quais nada se poderia dizer que escapou.

Mas o capítulo mais sério, mais tormentoso, que ele enfrenta com decisão e discernimento, diz com as questões pendentes na futura Constituinte. Como ficarão — pergunta — situações como a da legislação ordinária, da representação desproporcional dos Estados, dos "senadores biónicos" e outras tantas, capazes de desfigurar por completo a nova Constituição, pondo a perder este momento histórico único que o destino nos está oferecendo para implantar neste país a democracia verdadeira, com toda certeza a maior democracia de um futuro não muito distante?

São pontos básicos que o livro de Moacir Pereira procura responder, assumindo o autor posições corajosas (a exemplo da adoção dos "candidatos avulsos"), sempre com o objetivo de dotar o Brasil de uma Constituição representativa, para valer, evitando a edição de outras "folhas de papel", como tantas que temos tido, e que vêm conduzindo aos tropicões pela estrada da vida, entre golpes, contra-golpes e novembradas ao gosto de tantos, mas cujas conseqüências é sempre o povo que amarga.

Martinho Bruning, poeta dos melhores que temos, lançou novo livro em que reuniu os mais expressivos hai-kais de sua autoria, pois de longa data vem cultivando com êxito a arte de Bashô. "Hai-Kais Escolhidos" é um volume onde a sensibilidade diante da natureza e das coisas simples da vida enche o coração do leitor. No exemplar

que me ofereceu, em analogia com um de meus contos, escreveu o poeta em dedicatória:

“Só, noite nos campos...
Invisível cavaleiro
Cavalga a meu lado.”

— . — . — . — . — . —

Outras publicações de autores catarinenses aparecidas recentemente: “Planaltos de frio e lama”, de Beneval de Oliveira, estudo sobre os fanáticos do Contestado, o meio, o homem e a guerra, lançado por FCC Edições; “Letra de Forma”, de Osvaldo Cícero Wronski, prêmio estadual de poesia Luís Delfino, de 1984, também de FCC Edições; “Antes que me esqueça”, volumes 1 e 2, do jornalista Donato Ramos, deliciosas coletâneas do folclore da imprensa, e “Manual de Vendas”, do mesmo autor, para mostrar que também sabe abordar as coisas sérias.

«O ÍNDIO, MEU VIZINHO»

Maria do Carmo R. K. Goulart*

Por residirem a 42 km da Reserva Duque de Caxias — reduto dos índios Xokleng e Guaranis —, grande parte dos habitantes de Ibirama estão acostumados a vê-los quase que diariamente. Os índios vêm à cidade para as compras, para um passeio ou à procura de serviços que supram as necessidades de suas vidas no mato.

Apesar deste encontro, as populações branca e indígena não se envolvem, ou não se comprometem em torno de uma amizade comum. As relações são puramente comerciais e, na maioria das vezes, se restringe aos interesses, por parte do homem branco, de estabelecer, com os fornecedores de madeira (da qual a Reserva é rica), a continuidade dos negócios. Negócios estes que não deverão ir muito adiante, pois as árvores, um dia, vão acabar.

Como um estudante de 2.º grau vê este personagem — o índio —, em sua comunidade? Curiosa a respeito, fiz um trabalho junto aos alunos de 2.ªs e da 3.ª série do 2.º grau do Colégio Estadual “Gertrud Aichinger”, de Ibirama. O tema envolveu a todos e as redações foram de encontro ao que nos propusemos: saber como um estudante adulto vê o índio. A professora de Língua Portuguesa, Mareli Carvalho Wilde, se encarregou de recolher os trabalhos e o resultado foi uma realidade: o índio é um ser que desperta curiosidade para muitos; para outros ele continua sendo motivo de exploração por parte do branco.

As verdades sobre como estes estudantes vêem o habitante da Reserva foram colocadas no tema: “O índio, meu vizinho”. O trabalho serviu como testemunho

importante de uma geração que vê o índio no dia-a-dia e o analisa pura e simplesmente no cotidiano ibiramaense.

Pudemos separar o tema em alguns sub-itens e, interessante notar, as conclusões espontâneas de alguns alunos aumenta de importância na medida em que não fizeram nenhuma pesquisa escolar, não receberam auxílio específico da matéria (no caso, História) e sim deram como exemplo fatos que são comuns à comunidade da qual participam.

O índio no comércio.

"Quando chegam ao mercado tentam levar tudo o que vêem, os alimentos principalmente em relação a parte dos frios. O meu vizinho passou agora a comer produtos industrializados, dizendo que estes são bem mais saborosos do que os cultivados por eles. Adoram comprar carros para passearem e capotarem. Suas mulheres se vestem no estilo da moda, sem saberem se estão realmente se vestindo na moda, sendo enganadas pelos comerciantes para venderem seus estoques". (Eliane Braatz)

"Quase todos os índios andam de automóveis e só compram do melhor e do mais caro. Mesmo assim, não são considerados gente por certas pessoas". (Elton Teske)

"De outro lado, é o índio sendo explorado pelos comerciantes. É claro que eles dizem que são os índios que os exploram, comprando e não pagando". (Míria Naatz)

"O índio é aquele que só nos quer imitar, comprar roupas elegantes, andar sempre na moda. Gostam de esbanjar o dinheiro comprando coisas que nem sabem para que servem. Chegam a comprar geladeiras para guardarem roupas." (Edézia Policarpo)

"Por outro lado, o índio é explorado pelos comerciantes; por não conhecer muito bem a vida da cidade são enganados como comprar eletrodomésticos para usá-los onde não há eletricidade, mas, como o índio não pode ver dinheiro na mão, gasta em coisas não necessárias, pela falta de instrução por parte da FUNAI. O índio poderia ser muito rico se soubesse usar o capital, a educação, a assistência que recebe da FUNAI". (Nelsi de Mendonça)

O índio e os madeireiros

"Estamos vivendo o drama do índio brasileiro. A exploração destes seres que aqui habitam, a falta de consideração para com eles. Em nossa região a tal da coerência entre madeireiros para a extração da madeira, onde está situada a maior reserva florestal de nossa região. Madeireiros e índios tentando entrar em acordo. A falta de instrução que o índio tem para vender sua madeira. Vendendo por um preço bem inferior". (Céris Fadel)

"Na reserva indígena, existem muitas empresas que estão tirando madeiras de lá, alguns com autorização do Governo, outras sem; acho isto incorreto porque os índios vivem da floresta e de-

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

pois de terem tirado as árvores principais não é mais uma floresta que tenha muita caça. Nem todos os índios possuem instrução suficiente para negociar, por isto eles deixam tirar a madeira em troca de dinheiro que eles gastam com coisas que, às vezes, nem ocupam, simplesmente compram e alguns dias depois jogam fora por falta de utilidade para eles". (Marlene Schlegel)

"As florestas virgens atraem a cobiça dos madeireiros, que usam do poder monetário para comprar nossos indígenas que, por sua vez, sentindo que o dinheiro é supostamente fácil mas que os mesmos não têm consciência que estão perdendo o que era de mais precioso para seus antepassados, ou seja, a floresta." (Heinz H. da Silva Júnior)

"O índio, em nossa cidade, está sendo muito explorado, principalmente pelas madeireiras, pois nas terras onde eles vivem há muita madeira e de boa qualidade. Muitas pessoas exploram, pois o índio ainda é enganado, e se deixa levar pelo dinheiro". (Claudete Leite)

"Os brancos atuais só tentam destruir as reservas que é o grande amor dos índios". (Maximino Dallabona)

Chega o imigrante. Como ficou o índio?

"Os índios, de qualquer tribo que seja, são os únicos realmente brasileiros; nós, os imigrantes, viemos derrubando árvores, construindo casas, prédios, e os índios foram sumindo, quase sumiram, só existem algumas reservas indígenas, mesmo assim não é a mesma coisa como antigamente". (Claudenir Leite)

"Foram, sem dúvida, os primeiros elementos de nossa história. A eles devemos muito porque já estavam estabelecidos aqui, quando chegaram os primeiros colonizadores em suas embarcações. Alguns foram se adaptando aos costumes dos brancos, outros já foram se rebelando e adentrando para as florestas". (Tarcizio Dallabona)

"Os índios viviam muito antes da chegada dos europeus nas Américas. Ninguém sabe como eles surgiram nestas terras, mas sabemos como eles quase foram aniquilados totalmente. É um povo sofrido, pois com a chegada e a colonização dos europeus, a liberdade deles foi se acabando aos poucos. De um grande número que existia no passado, hoje existe uma parcela pequena". (Marcelo Schlup)

"Os índios são considerados verdadeiros brasileiros, antes do Brasil ser descoberto viviam livres e em paz. Mas com a chegada dos Portugueses, acabou-se a paz, muitos foram mortos e os que restaram foram civilizando-se". (Jair Vansuita)

Afinal, quais são os direitos dos índios?

"O índio, em nossa sociedade, é considerado um ser sem capacidade, sem condições educandárias e é discriminado, quase em geral, pela sociedade brasileira, por não ter muitas vezes um rostinho bonito ou por sua aparência. Mas o índio é um ser igual a todos, com condições iguais a qualquer pessoa, condições de vida e de participação na sociedade". (Ana Lúcia Marques)

"Um ser natural, mas selvagem, ou até poder ser deputado

de estado, de poder ter autoridade e autonomia sem ser discriminado, de querer e poder ser, um ser, meu vizinho". (Rosaleti Marx)

"Índio é um ser livre, habituado à natureza, e é nela que deve morar até o fim de suas vidas". (Irene Dallabona)

"Cs índios deviam ter maiores oportunidades em sua vida. O índio merece seu valor". (Claudio Possamai)

"Falta alguém para abrir-lhe os olhos e dizer para os mesmos que lutem ainda mais pelos seus direitos e que não deixem o branco invadir a privacidade deles". (Mercedes Dallabona)

"Cs índios deveriam ser punidos toda vez que cometessem qualquer tipo de alteração, porque são considerados brasileiros civilizados, possuem seus registros ou documentos que todo cidadão brasileiro possui". (Januário Marchetti)

O índio na era do cruzado.

"Conhecem o dinheiro feito água. Agora, então, nem se fala. A mudança que houve do cruzado para o cruzado, eles passaram a reclamar, que estão sendo enganados pelos brancos. Dizem que já tentaram várias vezes a cruzar o seu dinheiro e não conseguiram. Então lhes expliquei que o cruzado não vai ser cruzado, mas sim, vai vir outro que vai substituí-lo". (Eliane Braatz)

O índio existe. Logo pensa (pensa?!)

"Por que, na maioria das vezes, o índio é visto como um ser irracional? Acredito que ele já

foi irracional mesmo, mas isso há muito tempo atrás. Mas ele aprendeu a viver a nossa sociedade, é muito inteligente; às vezes, até mais que nós". (Célia Machado)

"Seria difícil imaginar que um índio viesse a ser meu vizinho. Mesmo porque a gente fica dizendo que o índio é gente, o índio é nosso irmão, o índio é isso, é aquilo. Antes de mais nada, o índio deveria ser emancipado, mas para tanto deveria haver uma conscientização entre o povo branco para aceitar o índio na sociedade, pois os nossos costumes são diferentes dos deles, e eles não conseguiriam sobreviver na nossa sociedade, porque vão perder uma série de direitos e privilégios que hoje eles têm". (Flávio Chindini)

"Deveria ter alguém de confiança que administrasse seus bens da melhor forma possível, pois o índio não possui capacidade para administrar seu capital". (Adelize Schmoelz)

"O índio, com a ajuda, ou melhor, com a verba imposta pelo Governo Federal conseguiu comprar carros para andar e tudo o que torne mais fácil para se deslocar de seu posto indígena". (Ronald Dalfovo)

"O índio é visto como uma figura diferente dos seres humanos, ele é incapaz de responder por seus atos, sempre depende de alguém para se responsabilizar por ele". (Tânia Machado)

"Sem levar em consideração termos sociais e jurídicos, o índio se torna uma pessoa totalmente igual a nós e por isto nada impede, ou pelo menos não deveria impedir-lhe, de cumprir com suas obrigações de cidadãos ibirameneses, isto porque sendo civilizado, agindo e vivendo normalmente co-

mo todos nós, deveria ter a obrigação de assumir isto perante a sociedade." (Márcia da Silva)

"Todas as pessoas dizem que o índio não é igual a todos os brasileiros, pois pensam que eles são meio analfabetos, não são tão inteligentes quanto os brasileiros, chamando-os até de burros". (Miria Naatz)

Quem são eles?

"Em Ibirama residem seres de várias origens e que os chamados índios residem num local um tanto afastado e que somente possuem as características físicas, o idioma e alguns, ou seja, poucos, costumes dos seus antepassados. Sendo que são chamados de índios somente por possuírem as características físicas e alguns costumes, pois já residem em casas iguais às nossas, todas com mobílias, alguns até já possuem o seu carro, etc." (Jane Raimundo)

"Os índios mais velhos ainda têm seus costumes do passado, gostam de morar num rancho de palha, chão puro, gostam de comer carne crua, enterram a carne no chão com folhas depois de três dias a comem. Muitas índias ainda carregam seus filhos no lado". (Cniró Medeiros)

"Os índios em Santa Catarina têm sua terra e um órgão do governo que lhes dá proteção e cuida dos direitos dos índios e deveres que lhes cabem". (Maurélio Pinto)

"Para dizer a verdade, o índio de hoje já é visto como um civilizado, como qualquer um de nós. Porque, por exemplo, em Ibirama, ele já não vive mais em ocas, mora em casas de madeira; não se veste com penas, se veste

com roupas como nós; usa as ferramentas que nós usamos; ele se alimenta com os mesmos alimentos que nos alimentamos. Ele não vive no mato ou na selva, vive em pequenos grupos, ou seja, quase se pode dizer, uma pequena vila. Por causa de todas essas pequenas coisas, que o índio de hoje pode ser considerado como nosso vizinho". (Miriam Quisinski)

Atualmente, existem poucas tribos, e quase todas civilizadas, pois se obrigam a adaptar-se ao mundo moderno do homem branco". (Sandro Censi)

O problema do racismo.

"Como amigo, nosso vizinho, temos muitas pessoas brancas, negras e índios. Mas têm brancos que não se habituam com a companhia de negros, nem de índios, mas têm várias pessoas brancas que gostam da companhia de negros, mas têm raiva dos índios. Agora eu pergunto: por que não tratar os índios e os negros como irmãos? Por que tem muitas pessoas que levam os índios e os negros como inimigos, principalmente os índios?". (Arnei Sebold)

"Os brancos consideram os índios inferiores a eles, então se aproveitam, tiram o que lhes pertencem, como terra, madeira, etc. No caso de Ibirama, um índio que entra num salão de baile, já não é bem recebido, é visto como um estranho na comunidade. Por isso eu apelo ao povo ibiramense: vamos valorizar os índios, eles são a História do Brasil, eles são também os nossos vizinhos". (Raimires Dallabona)

"As pessoas têm um certo racismo ao se referirem a eles (índios), por ex.: quando se fala em

índios faz nos lembrar que não são civilizados, são sujos, feios, etc. Mas, na realidade, ninguém se preocupa em olhar direito o outro lado dele, o lado sentimental, como será que ele é. Eu nunca tive a oportunidade de conversar com um deles, mas sempre ti-

ve curiosidade em saber como esse lado dele é, o que ele pensa da civilização. Será que ele não preferia ficar vivendo em aldeia, junto com a natureza, longe da opressão, da poluição e do preconceito?". (Tânia Machado)

* Professora, licenciada em Estudos Sociais pela UFSC, morou muitos anos em Ibirama.

Figuras do Passado

Dr. UDO DEEKE

Por Frederico Kilian

O engenheiro Dr. UDO DEEKE, nasceu em Blumenau no dia 29 de Dezembro de 1905, como filho de Caetano Deeke, Chefe da Agência de Terras do Estado na região da Grande Blumenau, e de sua esposa Rosalia Deeke, da família Danckwardt.

Após seus estudos primários em sua cidade natal, Udo Deeke passou a cursar o Ginásio Catarinense em Florianópolis, continuando depois seus estudos no Rio de Janeiro, onde cursou o Colégio Politécnico, da então Capital Federal, formando-se como engenheiro, diplomando-se com distinção, no ano de 1928. Após sua diplomação ingressou, como engenheiro, na "International Machinery Company", no Rio de Janeiro, na qual serviu até o ano de 1930. Regressando nesse ano ao Estado de Santa Catarina, entrou no serviço público estadual em Florianópolis, assumindo o cargo de Chefe do Serviço Técnico da Diretoria de Terras e Colonização do Estado, exercendo mais tarde também o cargo de Chefe do Departamento Técnico das Estradas de Rodagens e das Minas, como também no Serviço de Abastecimento de Água da Capital, Iluminação e Força Elétrica, Esgotos e Saneamento. No ano de 1946 foi nomeado para o alto posto de Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, cujo cargo exerceu até o ano de 1947. Durante sua gestão como Chefe do Governo do Estado, realizou consideráveis obras e demonstrou sua capacidade extraordinária de administrador. Transformou a antiga "Escola Nova Alemã" de Blumenau, já encampada pelo governo estadual, em a Escola Normal "Pedro II", estabelecimento este que se apresenta hoje como um dos mais modernos e maior Conjunto Educacional do Estado, o qual, desde 1948 tem formado várias centenas de professores que estão atuando em todo o território catarinense. — De 1947 até o ano de 1964, o Dr. Udo Deeke exerceu o cargo de Diretor Gerente da Empresa Força e Luz

de Santa Catarina, que sob sua gerência desenvolveu-se na maior empresa fornecedora de energia elétrica do Estado, abrangendo com sua rede de eletrificação uma extensa área do território catarinense, contribuindo decisivamente para o vertiginoso desenvolvimento industrial de toda a região por ela atingida. — Após esta Empresa, por resolução de sua Assembléia Geral de 27 de dezembro de 1963, ter passado para o Estado e sido integrada às Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), o Dr. Udo Deeke passou a exercer nesse órgão estatal o cargo de Administrador Regional da CELESC, com sede em Blumenau, em cuja função teve marcante atividade na expansão da rede elétrica na área deste setor em prol do desenvolvimento industrial e econômico desta região, permanecendo neste posto até sua aposentadoria no ano de 1978.

O Dr. Udo Deeke era casado com Da. Olga Deeke, nata Weickert, tendo deste consórcio dois filhos: Maria, casada com Dr. Victor Fernando Sasse e Henrique José Deeke, casado com Da. Lillian Platt.

Faleceu nesta cidade no dia 23 de setembro de 1985, sendo sepultado no cemitério da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Centro. Seu falecimento foi uma grande perda para a comunidade blumenauense, à qual ele sempre serviu com muita dedicação e eficiência, sempre pronto a colaborar em todos setores sociais e comunitários. Também a Fundação "Casa Dr. Blumenau" perdeu nele um grande amigo e benfeitor.

Presidente do Cabo Verde remete foto autografada ao prefeito Dalto dos Reis

Alfredo Wilhelm

Após fazer um relato de sua recente viagem a Portugal e Cabo Verde, o presidente José Sarney anunciou no dia 3 de maio de 1986, que o Brasil quer estreitar as relações com estes países e outros países da África.

Vale aqui ressaltar, que o prefeito municipal de Blumenau Dr. Dalto dos Reis — no esforço de promover cada vez mais a nossa cidade pelos países amigos do além-mar — dirigiu também amplo material informativo sobre Blumenau à Presidência da República de Cabo Verde.

O Sr. José Lobo, Adido para a imprensa e Relações Públicas da Presidência da República, em carta dirigida ao prefeito blumenauense, agradece a gentileza, remetendo junto uma foto autografada por sua Excia. senhor Aristides Pereira, Presidente da República de Cabo Verde.

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

Eng. Alfons Steiner

Notícias procedentes do Rio de Janeiro, informam ter falecido, no dia 17 do corrente mês de junho, em sua residência, no Jardim Primavera, localizado próximo a Caxias, o engenheiro Alfons Steiner.

Para as gerações atuais, este nome talvez nada signifique. Mas trata-se de uma personalidade que esteve, por muitos anos, ligada à vida comunitária blumenauense e que aqui prestou, por muitos anos, seus serviços profissionais em benefício do nosso progresso.

O engenheiro Alfons Steiner, de origem alemã, trabalhou durante muitos anos no escritório do sr. Simon Gramlich, que maninha um escritório de engenharia e arquitetura e era muito conceituado em toda a região, pelos importantes projetos que elaborara.

No escritório do sr. Gramlich, o engenheiro Alfons Steiner desempenhou funções de muita importância, tornando-se, assim, na sociedade blumenauense daquela época — década pe 1920/30, personalidade muito estimada e conhecida.

Aqui em Blumenau ele casou com outra personalidade que marcou época enquanto aqui viveu. Trata-se de dona Gentil Steiner, uma figura que muito deu de si em favor da cultura de nossa terra. Dona Gentil, que conheceu Alfons quando lecionava na antiga Escola Alemã, casou-se com o engenheiro, tendo mais tarde se transferido para o Rio de Janeiro.

Dona Gentil, hoje viúva de Alfons Steiner, nasceu aqui em Blumenau. Da parte de um de seus progenitores, era descendente dos índios Xoklend, que habitavam o Vale do Itajaí quando da fundação de Blumenau.

Ela instruiu-se em Blumenau, aprendeu a língua alemã inclusive, com muita eficiência, chegando mais tarde a lecionar na própria Escola Alemã, mais tarde transformada no Colégio Pedro II.

Depois de viverem alguns anos ainda em Blumenau, após casados, o engenheiro Alfons Steiner e sua esposa dona Gentil, mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde fixaram residência. Lá tiveram a felicidade de ver nascerem seus dois filhos, Peter, que formou-se em geologia e Pia. Mesmo residindo no Rio de Janeiro, Alfons e dona Gentil continuaram mantendo contatos de amizade com os numerosos amigos que deixaram em Blumenau.

Agora, contando mais de oitenta anos de idade, Alfons Steiner faleceu, cercado do carinho de sua diletta esposa dona Gentil, e de seus filhos Peter e Pia.

Ao fazer este registro, "Blumenau em Cadernos" apresenta à família enlutada, sentidas condolências.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

CONTATOS

Alfredo Wilhelm

“ALEMÃO PARA ESTRANGEIROS”

O prefeito Dalto dos Reis recebeu da “Gesellschaft Neue Heimat” (Sociedade Nova Pátria) de Berlin — Capital da República Democrática Alemã — um método moderno para o ensino do idioma alemão.

Editado pelo “Herder-Institut” da Universidade de Leipzig, o método “Alemão para estrangeiros” é formado por três volumes básicos (acompanhados pelo livro “chave”), um dicionário Alemão-Português, um dicionário da pronúncia alemã e dez discos gravados com textos em língua alemã. — Este curso é acompanhado ainda pelo livro “Alemão para você” — um método rápido para principiantes. Junto um cartão com as saudações do secretário da Sociedade Nova Pátria, sr. Erich Wischnewski.

A doação do material didático foi entregue ao sr. Vilarino Wolff, Chefe do Gabinete do Prefeito — pelo sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em idioma alemão da Prefeitura.

— . — . — . — . — . —

BERNHARD DINGES VOLTA À ALEMANHA

Após percorrer 5 países da América do Sul, Bernhard Dinges — vereador da cidade alemã de WOLFSBURG — visitou, a conselho do “Oberstadtdirektor” Professor Dr. Peter Lamberg (prefeito administrativo), também a cidade de Blumenau.

Recebido em audiência na Prefeitura de Blumenau pelo prefeito Dalto dos Reis, entregou a este o último prospecto de sua cidade de Wolfsburg — sede mundial da VOLKSWAGEN, hoje com mais de 50 mil operários.

Retornando à Alemanha, o vereador Dinges foi recebido pelo Professor Lamberg, falando a este sobre a sua estadia em Blumenau. O Oberstadtdirektor mostrou-se muito interessado, pois conhece Blumenau, cidade onde ele — anos atrás — inaugurou no “Portal da Saxonía — a Rua Braunschweig.

Em artigos publicados em 3 jornais de Wolfsburg, o vereador Bernhard Dinges ofereceu-se como intermediário para contatos entre a juventude de Wolfsburg e a juventude brasileira de Blumenau.

— . — . — . — . — . —

Jovens alemães interessados em contatos com jovens blumenauenses

MICHAELA POHLMANN

Taubengasse 10

3171 Osloss

República Federal da Alemanha

20 anos

Auxiliar de farmácia

Hobby: música, animais e viagens.

DETLEF MESSJOTZ
Richard-Wagner Str. 16
3180 — Wolfsburg
República Federal da Alemanha
21 anos

ISABEL STRAUBE
Alexanderberg 27
3180 Wolfsburg 23
República Federal da Alemanha
17 anos (estudante)

CHRISTIAN RAFFEL
Poststrasse 30
3180 — Wolfsburg
República Federal da Alemanha .
21 anos
Enfermeiro do Hospital Municipal
de Wolfsburg
Hobby: cine-fotografia, tênis, moto
esporte e viagens.

ILKA STRAUBE
Alexanderberg 27
3180 Wolfsburg 23
República Federal da Alemanha
16 anos (estudante)
Procuram se corresponder com
amigos (e amigas) do Brasil, de
pref. em língua alemã.

Aconteceu...

Maio de 1986

— DIA 2 — Com concorrida solenidade, instalou-se, no Centro Cultural 25 de Julho, o Campeonato Sul-Americano de Skat, patrocinado pela Federação Catarinense de Skat e que contou com a participação de delegações da Argentina e do Uruguai. O evento foi antecedido com um jantar de confraternização realizado no restaurante Cavalinho Branco.

* *

— DIA 2 — Este dia registrou a passagem dos 22 anos da Fundação Universidade Regional de Blumenau — FURB. O acontecimento deu destaque às solenidades programadas, justificadas pelos assinalados serviços que a instituição tem prestado à região do Vale do Itajaí.

* *

— DIA 7 — Com a presença de numeroso público, realizou-se a solenidade de inauguração da nova sede do Centro do Bem-Estar do Menor — CEBEM, localizado no bairro Água Verde. O ato de descerramento da placa que registra o evento, foi procedido pela sra. Heliete Leal e dona Maria Marli Ribeiro. A nova sede da CEBEM em Blumenau foi denominada oficialmente de "Santa Terezinha do Menino Jesus".

* *

— DIA 19 — Como parte das comemorações pela passagem dos seus cinquenta anos de fundação, a ARTEX S/A., abriu seu museu e a quarta Expo-Arte, apresentando trabalhos realizados por seus funcionários e diretores. O acontecimento foi muito visitado pela população blumenauense e visitantes de outros Estados da União.

* *

— DIA 19 — Este foi o Dia Nacional do Recadastramento Eleitoral.

— DIA 19 — Na UTI do Hospital Santa Catarina, faleceu às 5 horas da manhã, o deputado estadual Aldo Pereira de Andrade. Ele estava em coma profundo há nove dias, após haver sofrido uma parada cardíaca que afetou seu sistema cerebral. Durante todo o dia seu corpo foi velado e teve a visitação de grande número de amigos e admiradores que o destacado parlamentar possuía em todo o Estado. A sua grande obra social que perenizará seu nome e sua memória, é sem dúvida a instalação do Patronato "Alfredo Rodrigues", que conseguiu realizar em homenagem a seu pai. Aldo, após ter sido eleito consecutivamente para sete mandatos, exerceu atividade parlamentar contínua durante 28 anos. Aldo faleceu aos 56 anos de idade, deixando para Blumenau o maior legado político e exemplo de fidelidade partidária e trabalho profícuo em favor das classes mais necessitadas.

* *

— DIA 20 — Na Galeria Municipal de Artes, foi inaugurada a Exposição de Fotos intitulada "Vamos Lá Moçada", de autoria de Guilherme Jensen Bauer, natural de Itajaí e residente em Blumenau. O acontecimento foi bastante concorrido.

* *

— DIA 20 — Realizou-se na Secretaria Municipal de Educação, a cerimônia de entrega, a representantes de 10 escolas municipais, de equipamentos destinados a montagem dos chamados laboratórios-móveis que a administração pública blumenauense adquiriu ao custo de 20 mil cruzados. O ato foi presidido pelo preleito Dalto dos Reis.

* *

— DIA 21 — Vítima de um câncer no aparelho digestivo, contra o qual vinha lutando há mais de seis meses, faleceu no Hospital Santa Catarina, Jonas Rosário Coelho Neves. Jonas foi vereador e exerceu também durante muitos anos, até sua aposentadoria, funções de destaque na Prefeitura Municipal, setor de fiscalização. Era benquisto nos círculos sociais e políticos de Blumenau, graças às suas virtudes de bondade e manifestações efetivas com todos os que com ele tratavam. Jonas Neves também foi presidente da Associação dos Servidores Públicos de Blumenau, à qual prestou assinalados serviços. Jonas Neves faleceu aos 57 anos de idade. Seu sepultamento teve grande acompanhamento e foi muito sentido na comunidade blumenauense.

* *

— DIA 23 — Reunindo, entre funcionários e familiares cerca de doze mil pessoas, a ARTEX S/A. promoveu grande festividade para marcar a passagem do cinquentenário da fundação daquela importante indústria que, no ramo, ocupa o quarto lugar em todo o mundo.

* *

— DIA 24 — O prefeito Dalto dos Reis presidiu, às 15:00 horas, a solenidade de inauguração, no bairro da Velha, da praça Champs Elisiées, no loteamento que lhe dá o nome, projeto executado em conjunto, entre a comunidade e a prefeitura. O ato foi muito concorrido e o prefeito bastante festejado pelos moradores daquele bairro.

* *

— DIA 25 — Com um concerto musical clássico, sob a regên-

cia do maestro Norton Morozowicz, interpretando numerosas peças de grandes autores, foi inaugurada, às 10:30 horas, a concha acústica, doada à cidade pela ARTEX S/A., em regozijo pela passagem de seu cinquentenário de fundação. Grande número de pessoas esteve presente ao belo acontecimento musical.

* *

— DIA 25 — Com a presença de grande público e muita festa e alegria, foi entregue, ao uso da comunidade do bairro de Fotaliza, o modelar Centro Comunitário mantido pela Prefeitura de Blumenau e cujas instalações haviam sido parcialmente destruídas pelas enchentes de 1983 e 1984. Totalmente reformadas as instalações e ampliados os benefícios para o lazer da comunidade, o acontecimento empolgou a população do bairro. O ato, muito aplaudido, foi presidido pelo Prefeito Dalto dos Reis que, na oportunidade, recebeu homenagens e manifestações de reconhecimento da população de todo o bairro.

Augustinho Schramm, uma figura inesquecível

José Gonçalves

Cerca de quatro meses após ter falecido, Augustinho Schramm, personalidade das mais conhecidas e estimadas na sociedade blumenauense, foi homenageado pela diretoria e associados do Bela Vista Country Club, que inaugurou, em sua sede, a fotografia daquele que fora, além de seu fundador, presidente por duas gestões.

Por ocasião desta homenagem, o autor destas linhas, a pedido da diretoria, prestou a homenagem através da seguinte manifestação, que passaremos a transcrever, na íntegra:

“Senhores Diretores do Bela Vista Country Club

Senhores Associados:

Impossibilitado de estar presente a este ato tão solene em que se reverencia a memória de um dos baluartes que sustentaram esta sociedade por longos e difíceis anos — o nosso grande e inesque-

cível amigo e companheiro AUGUSTINHO SCHRAMM — faço-o, hoje, a convite desta diretoria, através da presente mensagem.

Dificilmente, pelos serviços prestados também à comunidade blumenauense, se poderia deixar de ligar a vida de Augustinho Schramm ao próprio desenvolvimento social, cultural e econômico do município, para resumir tudo apenas ao Bela Vista Country Club.

— Todavia, o tempo e o espaço que hoje se reserva aqui neste ato, é por demais pequeno, resumido, para que se possa elaborar um trabalho digno da figura que hoje se homenageia.

Vamos, portanto, limitar-nos apenas às atividades desenvolvidas por Augustinho Schramm no nosso clube, deixando a todos a promessa e o nosso compromisso solene de que, mais dia menos dia, haverá de surgir nas páginas da revista histórica “Blumenau

em Cadernos” um total relato do que foi a trajetória deste homem — exemplo de dignidade, de trabalho, compreensão e tolerância que envolveu nossa vida — a de todos nós, associados do BVCC, durante tantos anos, deixando uma lacuna difícil de ser preenchida e uma imorredoura saudade.

Augustinho Schramm foi o principal entre os idealizadores da fundação deste clube. Seu entusiasmo, rapidamente contaminou a muitos amigos e disto resultou a primeira reunião realizada a 6 de setembro de 1962, para a efetivação do Ato Constitutivo da Sociedade. Nesta reunião estiveram presentes aqueles que foram considerados oficialmente sócios-fundadores, como o próprio Augustinho, o idealizador, juntamente com Flávio Rosa e Helmuth Gziefuhs, em assembleia geral ordinária realizada dia 26 de agosto de 1965. Os então presentes à primeira reunião constitutiva, foram, além dos três já citados, os sócios: Luiz Metzger, José Gonçalves, que escreve estas linhas, Nilton Kiesel, José Luiz R. de Carvalho, Norberto Engel, João Waldir Klitzke, Heinz Hartmann, Roland Schmidt, Nicolau Eloy dos Santos. Como resultado da primeira reunião, Augustinho foi eleito o presidente provisório da primeira Diretoria então constituída para elaborar os Estatutos da Sociedade, o que foi feito com muito carinho e submetidos à apreciação da primeira Assembleia Geral Ordinária realizada dia 24 de outubro do mesmo ano, a qual, após discussões e pequenas alterações, aprovou os Estatutos e elegeu a primeira Diretoria, cuja presidência recaiu na pessoa do não menos

saudoso amigo Heinz Hartmann. Augustinho passou então a ocupar cargos importantes como na Comissão de Sindicância, mais tarde no Conselho Deliberativo, não faltando nunca seu apoio e mesmo participação constante na vida administrativa do Bela Vista. Tanto assim que, em Assembleia Geral Ordinária realizada em 27 de agosto de 1965, foi eleito presidente do clube por mais um período (1965-1967), deixando o cargo dia 30 de agosto daquele ano de 1967, com a eleição do novo presidente. Cumpriu administração fecunda, realizadora, corajosa mesmo. Sacudiu o clube nos seus diversos setores. A marca do seu trabalho realizado, ficou registrada com gratidão nos anais do clube. Por isso que, a 26 de agosto de 1971, em Assembleia Geral Ordinária, foi inscrito por seus amigos em chapa única e eleito por unanimidade mais uma vez presidente do Bela Vista. Exerceu mais uma vez com dedicação e carinho a presidência, mobilizando forças, entusiasmando a todos com seu trabalho e levando o conceito da Sociedade sempre na mais alta consideração, a exemplo de seus antecessores e dele mesmo por uma gestão anterior realizada.

Depois de 1973, quando entregou o cargo a seu sucessor, Augustinho procurou mais usufruir de tudo aquilo que havia ajudado a criar frequentando com assiduidade o clube e renovando as amizades que grangeou durante todos os anos em que viveu para seu trabalho, para sua família e para o Bela Vista.

Hoje Augustinho Schramm não está mais presente, fisicamente, entre nós. Sua luta pela sobre-

vivência do Bela Vista Country Club, nos tempos difíceis, que conseguiu vencer com méritos, não teve o mesmo êxito quando passou a lutar, nos últimos tempos, contra pertinaz enfermidade que o acometeu e que finalmente o levou ao túmulo.

Os seus amigos mais chegados — e foram muitos — nem ele mesmo, puderam em momento algum avaliar a rapidez com que esta enfermidade iria absorver sua resistência ferrenha, sua força de vontade e entusiasmo pela vida. Mas sua luta foi muito desigual.

Embora, fisicamente, como dissemos, Augustinho afastou-se de nosso convívio, em espírito ele sempre estará entre nós. E sua lembrança física também estará sempre viva, acesa, neste clube, pelos reflexos desta homenagem que a ele se presta neste momento. Nesta galeria de honra, seu vulto estará sempre sendo lembrado e seu espírito pairando por todos os segmentos da sociedade, seja nas canchas de tênis que ele construiu, no futebol suíço, nas quadras de mini-golf, nas canchas de bochas, nas saunas, na piscina, todas realizações que tiveram a marca de sua participação, ou nas administrações de duas presidências, ou aplaudindo aqueles que a iniciaram ou as concluíram.

Resta-nos, pois, diretores, associados e amigos de Augustinho Schramm, pertencentes à família numerosa do Bela Vista Country Club, o consolo de que a passagem desta figura notável por esta terra, não foi em vão. Deixou, tanto em sua família, no exemplo de empresário, de cidadão dedicado à sua comunidade e de idealí-

zador e fundador do Bela Vista Country Club, a marca de sua passagem por esta vida. A semente de seu trabalho fecundo, de uma obra edificante, que jamais será esquecida, semente esta que germinará sempre na sucessão não só das gerações de seus descendentes, mas nas próprias gerações da comunidade blumenauense e muito especialmente, nas gerações que se consolidam socialmente e harmoniosamente nesta sociedade que ele criou e deixou para nós todos.

Que o Augustinho tenha na vida eterna a recompensa de tudo o que de bom fez para nós. Que a saudade e a grata lembrança de sua memória, sirva-lhe como adorno da paz que hoje há de estar usufruindo no Oriente Eterno."

SUA VIDA COMUNITARIA

Na comunidade blumenauense Augustinho Schramm também deixou uma saudosa lacuna. Seu trabalho comunitário, desenvolvido através de sua atuação como membro da Comissão de Turismo, durante o governo de Evelásio Vieira e de Félix Christiano Theiss, como membro da Comissão de Ajardinamento da cidade e dos bairros, iniciativa do Governo Municipal em 1972 e que deu novas dimensões de beleza e harmonia a Blumenau, assim como membro do primeiro Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Plumenau", a partir de 1972, ele deu o máximo de seus esforços para corresponder à expectativa dos que o convidaram e correspondeu sempre. Nestas atividades Augustinho Schramm foi sempre

incansável, procurando, com suas idéias, na modernização e dinamização do sistema de fluxo turístico do centro e do norte do país em direção ao sul, passando por Blumenau, aprimorar este sistema, que hoje é uma realidade estupenda.

Como integrante, durante muitos anos, e com destaque especial, do coral do Teatro Carlos Gomes, ele viveu dias gloriosos, inclusive integrando o coral quando da gravação do primeiro LP que fez sucesso em todo o Brasil, intitulado — Blumenau Também Canta —, em que o maestro Heinz Geyer deixou sua marca de uma capacidade musical para arranjos sem precedentes.

Tanto como integrante do coral como na própria administração do Teatro Carlos Gomes, sempre figurando em seu Conselho Diretor, Augustinho Schramm jamais se posicionou na retaguarda, mas sempre ocupou a vanguarda das ações culturais daquela sociedade, auxiliando na sua evolução.

No alto comércio de Blumenau, como empresário, revelou ou-

tras virtudes natas. Fundou a "Casa Flamingo", cuja empresa cresceu e teve seu grande desenvolvimento na década de 1970, chegando a se constituir numa das principais empresas comerciais de Blumenau, grandemente voltada para o turismo cada vez mais fluente em nossa cidade. Desenvolveu, à frente de sua firma atividade inteligente, de grande visão comercial, tornando-a, como até hoje é, uma casa comercial vastamente conceituada não só pelos blumenauenses como em todo o país.

Filho da vizinha cidade de Gaspar, onde nasceu, Augustinho Schramm era blumenauense de coração. Aqui casou com dona Hildegard, nata Rossmark, aqui viu nascer seus filhos e netos, aqui viveu sempre cercado de devotados amigos e admiradores, respeitado e estimado pela maioria da população blumenauense. Seu exemplo e sua memória não poderão ficar esquecidos. Seu nome precisa ficar ligado à própria história do desenvolvimento social, cultural e econômico de Blumenau.

O MENINO ATHOS

Antônio R. Nascimento

O novo livro do historiador joinvillense Apolinário Ternes — BOM JESUS: 60 ANOS DE ENSINO (Joinville, 1986, 243 páginas) — fala do menino Athos, filho do então Major Manoel Alire Borges Carneiro, que teria ouvido o Professor Clementino Manoel Araújo fazer, em sala da aula, "propaganda dos regimes totalitários e

integralistas" (pág. 102), dando início a um inquérito policial cujo fim foi a extinção do curso primário do Colégio Bom Jesus.

Infelizmente, o autor deixou de complementar a informação. Esse menino é o hoje jurista famoso Athos Gusmão Carneiro, Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul,

Professor de Direito Processual Civil na Faculdade de Direito da Universidade Federal do RS e Diretor da Revista AJURIS.

O menino Athos, pois, a despeito do incidente, que deve ser levado mais à conta das implicações do então interventor Federal Nereu Ramos com D. Ana Maria Harger, a irrepreensível educadora joinvillense, tornou-se figura da cultura jurídica brasileira e, por conseguinte, enobrecer a História do Colégio Bom Jesus, uma vez que de seus bancos escolares também extraiu os conhecimentos necessários à sua projeção social.

O livro do jovem Apolinário Ternes, entretanto, é mais uma valiosa contribuição à historiografia de Joinville, mesmo porque adentra em temas que Carlos Ficker deixou de abordar, principalmente daquele que fala das dificuldades havidas com a integração dos descendentes dos colonos teutos na comunidade catarinense. O Dr. Nereu Ramos, por exemplo, como está no livro, acusou formalmente D. Ana Maria Harger de estar mancomunada com o regime totalitário alemão: "Um erro, verdade seja, praticou o Governo catarinense: o de não ter ainda dado publicidade ao depoimento do chefe da principal firma comercial do Estado e por cujas mãos passou o dinheiro do consulado alemão para o Ginário de D. Ana Harger". Mas, Apolinário Ternes nos dá sua visão do caso: "O Sr. Nereu Ramos na verdade desejava mesmo fechar por inteiro o Bom Jesus, só não o fez porque não tinha poderes para tanto, em razão de que os cursos secundários estavam sob a alçada do governo

federal, submetidos à fiscalização do Ministério da Educação. O Sr. Nereu Ramos, como se verá mais adiante, não mantinha boas relações com D. Ana, por motivos político-partidários, atendendo os pedidos de figuras relativamente bem situadas em Joinville, desejava acabar com a instituição." (pág. 92).

O fundamental no livro de Apolinário Ternes é, a nosso sentir, o resgate da memória de D. Ana Maria Harger, essa valente educadora a quem todos os joinvillenses muito devem, nascida em Santa Isabel, Município de São José, aos 24.1.1892, filha de João Leonardo Harger e de Erna Thomann Harger, que tiveram, além dela, mais 5 filhos. Seu pai, pastor luterano, era de uma cultura invejável, motivo por que D. Ana Maria Harger tanto se elevou na ambiência cultural da época, tornando-se um verdadeiro esteio da educação joinvillense. O historiador nos relata a existência de um "misterioso personagem inglês" (pág. 48), primeiro e único namorado de D. Ana, cujas cartas estranhamente desapareceram quando de seu falecimento, aos 16.10.1971. Faltou, talvez, complementar que a carreira docente de D. Ana Maria Harger não se limitou a Joinville, tendo iniciado, ao que supomos, antes de 1914, porquanto fora nomeada "professora efetiva" do Grupo Escolar "Luiz Delfino", aos 24.1.1914 (Resolução n.º 12). Chegou em Joinville em 1926, com 34 anos de idade, já com 13 anos de experiência no magistério (ob. cit., pág. 57).

O autor, outrossim, não deixa de reverenciar a memória de tantos outros professores que passaram pelo Colégio Bom Jesus, in-

clusive de Carlos Othom Schlapal, primeiro professor de Joinville (1854), e até de Carl Moerikof, cidadão suíço que já em 1851 ministrava aulas de primeiras letras às crianças da então Colônia D. Francisca.

Pensamos, entretanto, que Apolinário Ternes se esqueceu do primeiro mestre conhecido do norte catarinense, Manoel Joaquim Pinheiro, professor franciscuense desde 1829, ou seja, da região que hoje compreende Joinville. Manoel Joaquim Pinheiro era natural de Santos, sendo filho de Antônio Gonçalves Pinheiro Ribas e de Ana Maria da Costa. Casou-se em Iguape (SP) com Ana Andreza de Jesus, filha de Antônio Guimarães e de Gertrudes Maria de Jesus (batismo do filho Manoel, aos 21.3.1831, livro de batismos n.º 8). Foi ele, ao que supomos, o primeiro professor oficial daquelas paragens, pois a Câmara de S. Francisco do Sul, aos 12.1.1829 (Sessão 27.^a), oficiava ao Presidente da Província, solicitando “expressa aprovação do mestre de primeiras letras pelo vigente que na cidade há”. Carlos da Costa Pereira (História de S. Francisco do Sul, pág. 104) duvida de começo tão tardo, citando vereança de 1821, onde a Câmara reclamou “um professor de gramática latina, à custa da Real Fazenda”. Antes disso, pelo que descobrimos, o furriel, depois Alferes Manoel Antunes de Meneses, casado com Bárbara Maria Joaquina da Silva, alfabetizava particularmen-

te, segundo se vê no testamento de Isabel Maria de Jesus, morta, aos 25.11.1800, de doença tísica, já viúva de seu marido Manoel Furtado Mancebo: “que em sua vida não satisfizesse ao Alferes Manoel Antunes o ensino de seus filhos, que logo já lhe pagassem prontamente quantia quanto ele dissesse era devedora”.

A importância de tal fato está em que, sobre ser Joinville um desmembramento de São Francisco do Sul, muitos franciscuenses transferiram seu domicílio para a Colônia D. Francisca, tão logo o empreendimento de iniciativa teuto alcançou progresso razoável. Exemplo disso é o Major Crispim Gomes de Oliveira, casado com a filha do Governador Tovar e Albuquerque (1821), que se transferiu para Joinville logo nos seus primórdios. E, certamente, fora alfabetizado pelo Professor Manoel Joaquim Pinheiro, assim como sua mulher, Carolina Rosa de Albuquerque, que, aliás, teve uma descendente casada com o açougueiro Stock, de Joinville, gerando assim ilustre descendência teuto-brasileira.

Mas, como o livro de Apolinário Ternes, teve em mira tão-só o Colégio Bom Jesus e não o processo educativo do norte catarinense, não há reparos a fazer. Muito pelo contrário, é obra que merece todo o respeito e cuja leitura se torna, a partir de agora, obrigatória a quem se interesse pelas coisas catarinenses.

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro. e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

BLUMENAU

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

Utilizamos, na organização desta tabela, o mesmo procedimento aplicado às Tabelas V e VII. Para melhor percepção dos fenômenos sob análise, elaboramos um gráfico que reúne os dados *per capita* das três Tabelas V, VII e VIII.

Examinemos inicialmente a importação *per capita*: ela sobe sistematicamente, entre 1899 e 1910; a partir de 1911 ela cai a pouco mais de um terço do seu nível anterior. Esta queda só encontra explicação na extraordinária enchente do Rio Itajaí, em outubro de 1911, que causou imensos prejuízos, o que deu lugar a ampla campanha de ajuda e solidariedade a Blumenau, tanto no país como no exterior. Donativos vieram em abundância, tanto assim que com suas sobras foi possível terminar a grande ponte do Salto (em 27/6/1913), cujas obras tinham ficado paralisadas durante anos. Evidentemente o grande influxo de bens, vindos como auxílios, tinha que reduzir o volume do comércio importador.

Acontece, porém, que no quadriênio seguinte (1915/18), a importação *per capita* baixou ainda mais. Nada autoriza supor que os efeitos dos auxílios a propósito da enchente de 1911 se pudessem prolongar por tantos anos. Também não houve outra enchente, pois a seguinte só vai ocorrer em 1925 e será muito menos grave do que a de 1911. A persistência da importação *per capita* a um nível tão baixo só encontra explicação no eclodir da 1.^a Grande Guerra. Dois fenômenos inteiramente exógenos à economia de Blumenau se fizeram sentir sucessivamente: a enchente, que acarretou um influxo de bens sem contrapartida (donativos) e a Guerra Mundial, que forçou a redução drástica das importações do exterior. A redução das importações globais de Blumenau, devido à guerra, significa que estas importações eram predominantemente do exterior. Não temos a discriminação das importações blumenauenses por origem (nacionais ou estrangeiras), mas é indubitável que, se as mercadorias nacionais predominassem na pauta, o nível de importações não se teria mantido tão reduzido.

Este fato mostra, mais uma vez, o isolamento relativo de Blumenau no seio da economia nacional. O que acontecia era o que procuramos analisar acima: Blumenau, com os recursos provenientes de suas exportações ao Rio e a São Paulo, isto é, à principal área do Setor de Mercado Externo da economia, adquiria mercadorias importadas do exterior. Seu mercado ainda não integrava o Setor de Mercado Interno do país.

Durante a 1.^a Grande Guerra estas importações tiveram que ser reduzidas. O que aconteceu com as necessidades atendidas, até aquele momento, por aquelas importações? Uma parte delas — necessida-

des comprimíveis, cuja satisfação exigia bens duráveis — pode-se supor que deixaram de ser atendidas. Mas as restantes certamente provocaram um processo de substituição de importações. Como o nível de importação global continuou reduzido, a conclusão forçosa é que a produção substitutiva **não veio de fora** de Blumenau, ou seja do Rio e de São Paulo, mas de **dentro**. A própria indústria blumenauense deve ter substituído a parte não-comprimível das importações. Realmente, o valor da produção industrial de Blumenau, em 1915, alcança 3.361 contos, isto é, quase o dobro do valor da importação (1.738,5 contos). Durante a 1.^a Guerra fundou-se a primeira fábrica de fécula, e adquiriram feição realmente industrial a fabricação de banha, de derivados de carne, de conservas, de beneficiamento de arroz; expandiram-se ainda a indústria de fiação e tecelagem e a metalurgia.

Em 1919/22 o nível de importações subiu de 220%, com a reabertura do comércio com o estrangeiro. A procura comprimida durante o período de Guerra volta a se expandir. Em 1923/26 as importações voltam a se elevar mas em menor proporção (34%), mantendo-se (até quando temos dados, isto é, 1928) mais ou menos neste nível.

Voltemo-nos agora para a exportação: ela cresce, de forma acentuada entre 1899 e 1911, sem recuperar, no entanto, o nível de 1883. Em 1911/14 o crescimento é menor, devido aos efeitos destrutivos da enchente. Em 1915/18 há um novo aumento das exportações, mas que não é, proporcionalmente, maior que o dos períodos anteriores: de 1899/1902 a 1903/06: + 24%; de 1903/06 a 1907/10: + 25%; de 1907/10 a 1911/14: + 4%; de 1911/14 a 1915/18: + 25%. Isto significa que os produtos exportados por Blumenau não substituíram, pelo menos em grau significativo os produtos importados em falta, durante a Guerra, em outros lugares do país. O que havia era um processo lento e sistemático de integração da economia blumenauense no todo nacional, processo este que já vinha desde o começo do século e que a guerra não acelerou nem diminuiu. O insulamento da economia blumenauense continuava e era rompido pouco a pouco, na medida em que se aprofundava a divisão de trabalho entre o campo e a cidade, em que expandia a indústria e em que a agricultura comercial substituía a de subsistência. Se houve algum estímulo, para acelerar esta mudança, este foi o da 1.^a Guerra, como vimos, mas no sentido de abrir mais o mercado local à indústria de Blumenau.

No quadriênio seguinte (1919/22) as exportações **per capita** de Blumenau voltam a crescer de 33% em relação aos 4 anos anteriores, mas é em 1923/26 que se dá o grande salto: as exportações aumentam de 66% em relação ao quadriênio precedente, o que revela intensificação extraordinária do processo de transformação, como ainda veremos, e seu desdobramento no **plano nacional**.

Em 1920, Blumenau ainda possuía uma economia essencialmente agrícola. De acordo com o Censo daquele ano, de 72.213 habitantes, 28.530 constituíam a população ativa, dos quais 22.442, ou seja, 82%, trabalhavam na agricultura, 1.481, ou seja, 5%, nos principais ramos da indústria, 1.159, ou seja, 4%, no serviço doméstico e 666,

ou seja, 2,3% no comércio. Entre os recursos que ocupavam maior número de pessoas, destacavam-se:

- Vestuário e toucador — 453 operários (*)
- Edificação — 300 operários
- Metalurgia — 267 operários
- Mobiliário — 188 operários
- Alimentação — 108 operários
- Madeiras — 61 operários
- Têxtil — 55 operários (*), etc.

Como se vê, é um parque industrial ainda modesto, porém, nada desprezível, tratando-se de um país pouco industrializado, como era o Brasil em 1920. E ele contava, como *hinterland*, com a mais importante área agrícola do Estado, como se depreende dos dados do Censo de 1920, referentes aos 3 municípios de maior projeção econômica de Santa Catarina.

TABELA IX

Produção agropecuária — 1920

Produto	Blumenau	Joinville	Lages	S. Catarina
Arroz (t)	3.452,9	818,9	1,0	15.022,2
Milho (t)	27.426,0	5.639,7	5.403,5	138.505,2
Feijão (t)	628,0	69,7	793,5	14.914,3
Mandioca (t)	11.722,0	3.486,0	125,6	186.876,4
Cana (t)	44.672,8	57.239,2	9.542,4	409.200,8
Batata-inglesa (t)	409,4	67,2	251,8	9.294,0
Fumo (t)	1.435,6	351,3	45,9	2.198,8
Bovinos (cabeças abatidas)	2.844,0	1.482,0	7.930,0	31.978,0
Suínos (cabeças abatidas)	25.619,0	5.417,0	7.909,0	137.897,0
Venda de leite (l)	3.627.635	1.246.170	1.539.077	9.305.780
Manteiga (kg)	188.756	126.692	47.256	468.256
Queijo (kg)	263.850	29.634	201.580	633.316

Fonte Censo de 1920.

Computando-se os principais ramos de produção agropecuária do Estado verifica-se que Blumenau se encontra em 1.º lugar em quase todos, exceto cana, em que é superada por Joinville, feijão e bovinos (abatidos) em que a superioridade esta com Lages. A posição de Blumenau é particularmente destacada no arroz (23% da produção do Estado), milho (20% do total do Estado), fumo (65% da produção do Estado) e nos laticínios: leite (39% do total estadual), man-

(*) Como a maioria das empresas têxteis de Blumenau produz artigos para vestuário ou toucador — toalhas, jogos de cama e mesa, artigos de malha, etc. — seus operários foram classificados na categoria de vestuário e toucador.

teiga (40% da produção do Estado) e queijo (42% da produção estadual). Também na suinocultura Blumenau sobressai nesta época abastecendo-se no município 19% do total de Santa Catarina.

Possui Blumenau, portanto, a mais rica economia agrícola do Estado, em processo acelerado de comercialização. Para tanto deve ter contribuído, de forma destacada, a ampliação da rede de transportes. A E. F. Santa Catarina, cujo primeiro trecho foi inaugurado ainda antes da guerra, terá suas linhas prolongadas por todo o Vale do Itajaí principalmente durante os anos vinte e trinta. A navegação fluvial também foi melhorada com a construção do cais do porto de Blumenau, em 1924. E como vimos no capítulo anterior intensifica-se a atividade de construção rodoviária, de pontes, etc. Tudo isto servia para aproximar cada vez mais da zona rural o mercado urbano local, isto é, a cidade de Blumenau, e o nacional (Rio e São Paulo), alcançável por meio da navegação de cabotagem, via Itajaí.

Fixemo-nos neste último aspecto. O período em exame (1914-1950) assiste a intenso processo de industrialização no país, processo este que se concentra na área Rio-São Paulo, onde surge vigoroso mercado urbano para produtos agrícolas, tanto alimentos como matérias-primas. Ao mesmo tempo, o *hinterland* agrícola desta mesma área é ocupado, em boa parte, pelo menos até 1930, pela produção de um artigo de exportação: o café. Esta situação oferece ótima oportunidade para que outras zonas do país, mesmo mais afastadas, penetrem neste mercado urbano. Para aproveitar esta oportunidade, no entanto, será preciso que estas zonas contem: a) com uma agricultura de subsistência desenvolvida; b) com um dispositivo comercial apto a estabelecer a interligação entre estas zonas e o grande mercado urbano. É fácil entender que zonas, embora bem localizadas, como Minas, Goiás, etc., porém dominadas pelo latifúndio colonial, em cuja prática predomina a lavoura e a criação extensivas, carecessem parcialmente da 1.^a condição e principalmente da 2.^a. As zonas de colonização européia do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, em contraposição, achavam-se, pelo menos num primeiro período (1914-1930) muito bem situadas. Sua agricultura de subsistência, praticada em pequenas propriedades de modo intensivo, produzia apreciáveis excedentes comercializáveis, e fluxos comerciais, embora tênues, os ligavam à área Rio-São Paulo, desde o século passado. Neste sentido, os esforços do Dr. Blumenau, visando encontrar vias de escoamento para os produtos da colônia, praticamente desde os primórdios, produziram frutos cerca de 50 anos mais tarde. Não se estabelecem liames comerciais entre duas áreas tão afastadas, como Blumenau e Rio-São Paulo, em poucos anos. Os esforços, nem sempre coroados de êxito imediato neste sentido, acabaram por beneficiar a penetração dos produtos blumenauenses nos mercados carioca e paulista, no momento em que estes mercados se achavam em condições de absorvê-los em

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

maior escala. Durante e após a 1.^a Guerra Mundial já havia numerosos comerciantes blumenauenses, que se dedicavam à exportação de banha, manteiga, arroz, madeira, fécula para o Rio e São Paulo, com correspondentes nestas praças (*). Tudo isto explica o vigoroso aumento das exportações de Blumenau, nos anos vinte e (embora nos faltem dados a respeito) presumivelmente nos anos trinta.

Vejamos, agora, as repercussões internas deste aumento de exportações. Os camponeses, aumentando a venda de seus produtos, viam crescer o seu poder aquisitivo. Expandia-se e diversificava-se a procura no mercado de Blumenau. Parte desta procura era satisfeita, é lícito supor, por importações. Mas outra parte certamente coube à indústria local. Esta parte pode ser indiretamente aquilatada pelos *surplus* da balança comercial de Blumenau. Em 1919/22 o saldo positivo é de apenas 150 contos anuais, mas em 1923/26 ele salta para 5.600 contos, permanecendo acima de 5.000 contos até quando temos dados (1928). Na realidade, porém, o valor da produção industrial deve ter sido maior, pois parte das importações deve ter sido constituída por equipamento e matérias-primas para a indústria e, além disso, a procura global é dada não só pelo valor das exportações mas também pelas vendas do campo à cidade. Em outras palavras, a procura de bens manufaturados atendida pela indústria de Blumenau pode ser estimada como sendo a seguinte soma:

1. Exportações agrícolas menos importações de bens de consumo
2. Exportações industriais
3. Vendas do campo à cidade

O resultado das duas primeiras parcelas pode ser avaliado pelo saldo da Balança Comercial (*) e ele é fortemente crescente neste período. Podemos concluir, pois, que a indústria de Blumenau encontrou boas oportunidades para se expandir, o que efetivamente ocorreu. Novas malharias e tecelagens foram criadas e o parque industrial de Blumenau se diversificou com o surgimento de fábricas de chocolates

(*) Neste contexto, é bastante ilustrativa a vida do grande comerciante Pedro Christiano Feddersen, a cujo nome se ligam os principais acontecimentos econômicos de Blumenau, durante cerca de meio século. Chegou da Alemanha em 1879, entrando numa firma exportadora-importadora já existente, em 1885, primeiro como gerente de filial, depois como sócio. Feddersen, com o tempo, estabeleceu junto ao seu empreendimento comercial vários outros: latoarias, fábricas de caixas e cigarrilhos, escolha e embalagem de fumo, descascadores de arroz, moinhos de farinha, fabricação de arame farpado, serrarias, etc. Concedia crédito aos lavradores e estabeleceu filiais em todo o Vale do Itajaí, de modo a superar o sistema das "vendas"; promoveu a exportação de fumo melhorando sua qualidade; teve papel destacado (inclusive como político) na construção da E.F. Santa Catarina e da usina hidrelétrica de Blumenau (Salto). Como se vê, o papel do capital comercial, neste período da vida econômica de Blumenau, era de primeira ordem.

(*) A Balança Comercial inclui no total da importação a parcela de bens de produção destinados à indústria. Como não conhecemos o valor desta parcela para este período, o saldo da Balança Comercial não passa de uma indicação do montante das duas parcelas, que deve ser maior que o referido saldo.

(1923 e 1928), de chapéus (1923), de papelão (1928), de móveis (1929), de gaitas (1923), de pás e ferramentas agrícolas (1925) nos anos trinta surgiram mais tecelagens e empresas ligadas ao ramo (gases medicinais, camisas, linha para bordar) e uma fábrica de calçados e artefatos de couro.

Este surto industrial foi sobremodo facilitado pela expansão do fornecimento de energia elétrica. Em 1915 tinha sido instalada a Usina do Salto com uma potência de 4.000 HP, a qual foi ampliada para 6.000 HP em 1929 e para 9.000 HP em 1939. Em termos de energia elétrica consumida temos as seguintes cifras:

1924	—	4.276.860 kW-horas	—	Índice: 100
1928	—	6.111.878 kW-horas	—	Índice: 143
1932	—	9.283.561 kW-horas	—	Índice: 217
1936	—	14.323.774 kW-horas	—	Índice: 335
1940	—	22.455.624 kW-horas	—	Índice: 525
1944	—	26.775.928 kW-horas	—	Índice: 626
1948	—	36.388.017 kW-horas	—	Índice: 871

Como se vê, o montante de energia consumida em todo o Vale do Itajaí dobra cada 8 anos, elevando-se de quase 9 vezes em 24 anos.

A história da produção de energia elétrica em Blumenau dá um exemplo interessante de "imperialismo" paulista. A Usina do Salto foi inicialmente financiada por uma firma de São Paulo, a qual se tornou, posteriormente, sócia do empreendimento (1920). Logo depois, porém, começaram os capitalistas de São Paulo a se recusar a aumentar os investimentos, possivelmente porque sua lucratividade não o justificava. Isto vinha, no entanto, contrariar frontalmente os interesses industriais e comerciais de Blumenau, para os quais ampliação do fornecimento de energia elétrica era vital. Formou-se então um consórcio no qual participavam o grupo Hering, a maior empresa industrial de Blumenau, o grupo Renaux, o qual constituía o mais importante conjunto industrial de Brusque, a organização Heopke, que era (e é) a maior empresa comercial do Estado, o Banco Agrícola e o Banco Alemão Transatlântico, (além de outros), que adquiriu as ações em poder do capital de São Paulo, prosseguindo a expansão da empresa de eletricidade, sem mais óbices "de fora".

Foi à base da energia elétrica que se desenvolveu uma das empresas mais destacadas de Blumenau: a "Electro-Aço Altona". Tendo por origem a fusão, em 1924 de uma oficina elétrica com a fundição mencionada mais acima, a empresa foi fundada em 1933, com a importação de um forno elétrico da Alemanha, com capacidade de 500kg por corrida. Posteriormente a fábrica foi sucessivamente ampliada, tendo sido instalado um forno elétrico com capacidade de 2.000kg, construído na própria fábrica, além de um laminador, etc. A Electro-Aço Altona produz material ferroviário, bigornas, tornos, arados, molas para caminhões, etc.

(Continua)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA